

[Formatação diferente da do texto impresso. Numeração de páginas no corpo do texto.]

DE VIVA VOZ: AS CARTAS GRAVADAS

Geraldo Cintra - Universidade de São Paulo

Embora o desenvolvimento e popularização das técnicas e equipamentos de gravação já tornassem possível a comunicação por meio de mensagens gravadas, foi o surgimento das fitas **cassette** que propiciou o uso mais generalizado de cartas gravadas.

A carta gravada torna possível compensar a ausência do interlocutor pela mensagem a viva voz, numa espécie de conversação **in absentia**. A exposição oral permite ao emissor maior naturalidade de expressão e menor preocupação com aspectos formais do que na comunicação por escrito; para o receptor, à espontaneidade da mensagem pode somar-se o valor afetivo de dispor de um registro da voz de uma pessoa cara.

Mas se a carta gravada elimina restrições inerentes à utilização da expressão escrita, introduz por sua vez restrições decorrentes de suas características específicas (em particular as ditadas pelo meio utilizado e pela situação de elaboração da mensagem). Como conseqüência, embora se trate de uma forma de comunicação veiculada oralmente, apresenta características usualmente associadas à expressão escrita (Cf. Cintra, 1982), bem como outras devidas a suas condições particulares de produção.

Neste trabalho* analisamos as principais características que distinguem cartas gravadas de sua contraparte escrita, baseando-nos em correspondência dessa natureza (num total de 52 fitas **cassette**) enviada ao autor entre 1979 e 1989 por três amigos (**D** e **M**, norte-americanos, e **J**, inglês), adultos, nenhum dos quais está ligado à área de estudos de língua, lingüística ou literatura, nem tem conhecimento de que esse material seja objeto de análise. Os exemplos citados (apenas ilustrativos, e não exaustivos) são identificados pela inicial do nome do locutor, seguida da data de recebimento da fita (p.ex.: 679 — junho de 1979).

----- p. 92

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no XXXIV Seminário do GEL (Santos-SP, novembro de 1987) sob o título "Cartas gravadas e escritas: um paralelo." [O texto aqui reproduzido é de comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal, Brasília, 24 a 26 de março de 1993. GC]

1. Uma carta gravada é ao mesmo tempo uma espécie de carta e uma espécie de conversação. Em geral, a própria duração (determinada pelo comprimento da fita utilizada) impõe ao emissor a necessidade de seleção e organização dos assuntos a serem tratados, sendo freqüente a utilização de um roteiro, notas ou referência a uma comunicação anterior do interlocutor:

(1) "I went back 'n' listened to your tape again, took about a page o' notes. (D-983)

(2) "I guess I got a letter from you a month or so back. I want to see if I can find it here and uh see if I can dig up some answers for any questions you may have asked or anything." (D-481)

(3) "Well anyway that pretty well covers every topic on your letter there, now let me tell you what I did yesterday" (D-481)

(4) "I think I'll shut up and listen to your tape some more." (D-479)

A artificialidade de dirigir-se a um interlocutor ausente (com a conseqüente impossibilidade de alternância de turnos e de ocorrência de **feedback**) favorece o surgimento de digressões, que podem vir a desorientar o emissor:

(5) "Now I'm beginning to wonder what I was talking about." (D-479)

2. Como uma carta convencional, a carta gravada costuma conter informação referente à data e até mesmo hora da gravação.

A primeira menção da data pode fazer parte da mensagem gravada, ou constar por escrito da etiqueta e/ou da capa da fita, ou mesmo ocorrer em ambas. Quando essa primeira menção consta da mensagem gravada, não está necessariamente localizada no início da gravação (como estaria numa carta escrita): referências à data podem ocorrer em qualquer ponto da mensagem ou até em vários pontos da mesma, evidenciando uma elaboração parcelada, em ocasiões diversas. A identificação dessas diferentes datas, nem sempre significativa no tocante ao conteúdo veiculado, parece ser mais freqüente em cartas gravadas do que nas escritas, ao menos na experiência do autor.

----- p. 93

(6) "It's now Thursday the 13th. and I've already sent you a card only three days ago... 'bout half past three in the afternoon." (J-979)

No exemplo que se segue, a data de gravação de cada lado da fita constava tanto da capa como da etiqueta, mas não era mencionada na mensagem gravada; após aproximadamente 15 minutos de gravação o locutor termina uma série de assuntos, interrompe a gravação e recomeça dizendo:

(7) "OK, here it is a little after ten o' clock in the evening; this is still the second day of April." (D-481)

3. Um elemento constante é a saudação de abertura, em geral um vocativo:

(8) "Hello, Geraldo." (M-280)

(9) "Hullo, Geraldo. John here." (J-979)

(10) "Hello, hello, hello." (D-780)

(11) "Hi there, Geraldo." (D-479)

(12) "Well, hello again, Geraldo." (D-679)

4. Da mesma forma que apresentam uma introdução, as cartas gravadas concluem com alguma saudação e/ou despedida. É interessante notar que as expressões aí empregadas são caracteristicamente semelhantes (ou mesmo idênticas) às utilizadas na correspondência por escrito. Percebe-se por vezes que a gravação foi refeita para incluir esse final, cuja enunciação pode tornar-se mais rápida (como no Ex. 14), demonstrando não só a preocupação em não encerrar abruptamente a mensagem, como também em manter a adesão às normas sociais que vigoram na correspondência (o que se observa também no Ex. 18).

(13) "Be looking forward to hearing from you, and... uh... be talking with you before long, I hope" (M-280)

(14) "Well, this is just about to run out of time here, Geraldo." (Mudança para ritmo de fala acelerado.) "I'll be looking forward to hearing from you. Bye now" (D-780)

----- p. 94

(15) "...so I'm just gonna say my goodbyes for now, Geraldo, and uh be anxious to hear back from you. Gosh, don't wait two months, a' right?" (D-481)

(16) "God bless you and your boy. Cheers for now." (J-979)

(17) "I'll be looking forward to getting another tape from you real soon, OK?"
(D-479)

(18) "If I don't get a chance to say goodbye at the end of <this> tape, I'll say it now."
(D-983)

Há aí, por conseguinte, uma estrutura formal quase idêntica à de uma carta convencional embora a saudação de abertura possa ser precedida de outros comentários ou outro material gravado e o fecho padrão não marque necessariamente o fim da gravação, podendo ser retomada a palavra (à maneira de um **post scriptum**) ou acrescentado algum outro tipo de gravação. (V. 9, abaixo)

5. Se tais características aproximam a carta gravada da comunicação escrita, vários fatores a caracterizam como expressão oral no tocante à forma de expressão. As construções são mantidas relativamente simples, idênticas ou quase idênticas às empregadas na conversação cotidiana. Devido à dificuldade de acesso ao texto em sua totalidade (Cf. 7, abaixo), é minimizada a necessidade de recurso ao mesmo por parte do receptor, evitando-se anáforas mais complexas (em que se torne difícil a recuperação da informação). A inexistência de alternância de turnos devida à ausência do interlocutor elimina a possibilidade de **feedback** imediato, obrigando o emissor a formular mais clara e cuidadosamente sua mensagem e mesmo a modificá-la durante sua produção. Tais características atestam tratar-se de discurso não-planejado ou apenas parcialmente planejado (cf. Ochs, 1979), centrado no conteúdo a ser veiculado e na intenção de otimizar o processo interacional, através de constante monitoração e retificação (**repair**) da mensagem (que analisaremos em outro trabalho).

A auto-correção, preferencial na conversação, (Schegloff, Jefferson e Sachs, 1977), torna-se aqui a única forma de retificação possível, cabendo ao emissor prever eventuais problemas na compreensão da mensagem por parte do destinatário e procurar resolvê-los antecipadamente.

----- p. 95

Certos tipos de retificação frequentes na escrita, contudo, são mais difíceis ou mesmo impossíveis numa gravação: não é possível intercalar nada no texto já gravado (enquanto na escrita é fácil acrescentar letras ou palavras, escrever nas entrelinhas, colocar uma chamada para uma nota em outro ponto do texto, ou acrescentar folhas adicionais entre as já existentes).

A substituição de uma frase ou trecho é em princípio possível, mas bastante difícil com o equipamento usual, além de bastante trabalhosa, pois o material a ser intercalado deveria ter a mesma duração que o que vai ser eliminado: se é fácil ao redigir apagar um trecho e substituí-lo por algo em letra menor, fazer tal substituição falando pode requerer muita tentativa e erro, o que não só

é tedioso mas também pode levar ao apagamento acidental de outras partes do texto, por não haver controle consciente do ritmo e duração dos enunciados.

Assim, é mais freqüente a eliminação de trechos inteiros e sua substituição, o que pressupõe um controle mais cuidadoso do que vai ser dito (cf. a referência a roteiros em 1., acima).

O limite de duração da gravação imposto pelo fim da fita constitui uma restrição mais séria que os limites da página na carta escrita. Na correspondência escrita o emissor tem a cada momento a noção exata de quanto papel ainda tem à sua disposição, e sempre poderá acrescentar novas páginas. Já na carta gravada o primeiro limite (fim do lado A) pode interferir apenas na continuidade da mensagem, enquanto que o segundo limite (fim do lado B) impõe o fim da gravação. Em ambos os casos o emissor tem apenas uma vaga idéia do tempo de que ainda dispõe, e sua preocupação com esse fator reflete-se freqüentemente na mensagem gravada:

(19) "I don' t know how much tape I got here. Oh, maybe twelve minutes, it looks like.

(Mais adiante) Better stop here, I' m about to run out of tape." (B479).

(20) "Wonder how much tape I' ve got left. (Mais adiante.) About three more digits

and I' m gone. One,... (entoação ascendente)" (Fim da fita.) (B679)

Assim como para o emissor é incômodo apagar e regravar, para o receptor é possível, porém pouco prático, rebobinar a fita para ouvir

----- p. 96

novamente um determinado trecho (por exemplo, para compreender melhor o que foi dito, esclarecer uma referência, etc.). Se ao ler um texto pode-se num relance efetuar tal operação, numa gravação o acesso ao contexto precedente é mais difícil, por não se poder estabelecer previamente até que ponto é necessário rebobinar a fita; a localização precisa de trechos de pequena extensão é bastante difícil, mesmo no caso de aparelhos dotados de contador, a menos que se tenha observado exatamente em que momento (e em que lado da fita) ocorreu a informação buscada (o que é pouco provável, já que não se sabe a princípio que será preciso retornar a ela posteriormente). Por esse mesmo motivo, é também pouco freqüente o emprego de elementos catafóricos.

Na leitura é possível o acesso imediato a qualquer parte do texto, inclusive o que ainda não foi lido, quer para uma leitura atenta, quer para uma visão geral de blocos para a busca de informação. Já a mensagem gravada envolve o receptor numa dependência não só seqüencial mas também temporal, por não se poder alterar a velocidade e o ritmo da enunciação — "O desenvolvimento de técnicas de leitura dinâmica não encontra paralelo na audição." (Cintra 1982,28).

Por todos esses motivos, a elaboração de uma carta gravada é um processo relativamente trabalhoso, como evidencia o exemplo abaixo:

(21) "Last night ... I had to make a tape for a friend of mine (...) so I <took?> the whole night to get that thing put together (...) took more than one hour to make a 60-minute tape, you know, as you can imagine." (D-479)

7. Um elemento particularmente perturbador é o silêncio. Numa conversação, o silêncio dos interlocutores pode ser preenchido por atividades não-verbais (por exemplo, mover ou buscar um objeto, demonstrar algo, fumar, beber, mover-se, etc.), ou poderá ser interpretado como uma interrupção não necessariamente indesejável do intercâmbio verbal: numa viagem longa, por exemplo, seria pouco provável que os interlocutores conversassem continuamente por horas a fio: seria mais comum a ocorrência de vários períodos de conversação separados por períodos de silêncio ou outras atividades. Já na carta gravada

----- p. 97

mesmo um pequeno silêncio torna-se por demais óbvio, podendo ser interpretado como uma falha na gravação ou como interrupção abrupta da mensagem.

O próprio emissor, ao dar-se conta de uma pausa mais longa, tende a reafirmar ao receptor sua intenção de prosseguir em sua atividade de locutor:

(22) "I m still herein case you wonder" (após uma pausa de 4 segundos) (M-280)

A não ser que a mensagem tenha chegado ao final, assinalado por uma despedida (cf. 4, acima), ou ao final de uma unidade completa (por exemplo, o relato de um acontecimento), o silêncio tenderá a ser interpretado como uma interrupção indesejável da mensagem. Uma alternativa é preencher esse silêncio com a inclusão de outros materiais gravados, de interesse lúdico, cultural ou profissional. (Cf. 9, abaixo).

É interessante notar que o silêncio é tratado como uma perturbação mais séria da mensagem que as hesitações (frequentes na comunicação oral), ou eventuais formulações inadequadas, passíveis de retificação imediata.

9. Até aqui as cartas gravadas foram consideradas apenas como veículo de mensagens orais equivalentes às mensagens escritas da correspondência usual. Entretanto, é freqüente a inclusão de outros materiais sonoros. Se numa carta escrita é possível utilizar recursos gráficos (desenhos,

esquemas), numa carta gravada poderão ser incluídos elementos sonoros os mais variados: o choro de uma criança, música (executada pelo próprio emissor ou outras pessoas, ou reproduzida de outras fontes), leitura de textos diversos, ruídos da natureza etc.

Tais elementos podem ser esporádicos ou servir apenas para aliviar a tensão decorrente de ouvir fala contínua (em geral de uma mesma pessoa), mas podem ser também o motivo principal do recurso à carta gravada (por exemplo, para o intercâmbio de gravações musicais raras, cantos de aves, dados lingüísticos, etc.). Podem ainda servir para

----- p. 98

complementar a mensagem da mesma maneira que uma carta convencional poderia ser complementada pelo envio simultâneo de fotos, recortes de jornais, etc.

10. Com base nas considerações acima pode-se verificar que a produção de uma carta gravada não envolve a simples transcodificação de uma mensagem escrita para a linguagem oral, ou a mera gravação do que seria dito numa conversação. A ausência do interlocutor, a impossibilidade de **feedback** imediato (verbal ou não verbal), a maior necessidade de clareza, a dificuldade de retificação posterior e a dificuldade de acesso às diferentes partes do texto requerem uma elaboração especificamente orientada para esse veículo, e que alia à necessidade de uma constante atividade homeostática um diferente estilo de expressão, que não só reúne características da expressão oral e da escrita, como dá origem a condições de produção **sui generis**, cujo reflexo nos textos produzidos parece-nos constituir um interessante campo de pesquisa, ainda inexplorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CINTRA, G. 1982. Meio e mensagem na comunicação oral. **VI Anais de Seminários do GEL**, p.23-30.
- 1992. Transcrição da fala corrente: teoria e observação. **XXI Anais de Seminários do GEL**, p. 614-620.
- OCHS, E. 1979. Planned and unplanned discourse. In: Givón, T. (ed.) **Syntax and Semantics, Vol. 12 Discourse and Syntax**. New York: Academic Press. p. 51-80.
- SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. & SACKS, H. 1977. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language** 53, p. 361-382.